



FOLHA DO DOMINGO

ORGÃO DA DIOCESE DO ALGARVE

Proprietário e Administrador P.^o José Gomes da Encarnação Director e Editor P.^o Carlos do Nascimento Patrício Redactor Principal P.^o Clementino de Brito Pinto
Administração—Rua Tenente Valadim, 50 Comp. e Imp. na Tipografia União, Faro — Telef. 154 ANO XXXIV FARO, 8 DE DEZEMBRO DE 1957 NÚMERO 2222

Festa da Padroeira

Há mais de cem anos que Sua Santidade o Papa Pio IX, de saudosa memória, numa das mais inolvidáveis e esplendorosas manifestações de fé de toda a história, proclamou a todo o orbe católico o dogma da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, Mãe de Deus e dos Homens.

Esta verdade mergulha as suas raízes nas páginas luminosas da Sagrada Escritura, no testemunho da Tradição, no sentir unânime do povo cristão, que, desde a primeira hora, testemunhou a sua firme e clara adesão a este incomparável e sublime mistério de Fé.

Não podemos determinar seguramente o tempo e o local em que começou a ser cultuada a Conceição Puríssima da Virgem Maria. Segundo o parecer de autorizados autores, este facto começou a ter a sua expressão, na Igreja do Oriente, entre os séculos VII e VIII, passando daí para a Igreja do Ocidente.

Seminaristas

Como os nossos seminaristas, naturais das Beiras, não podem ir a suas casas, por virtude das grandes despesas, provenientes da distância, pedimos, por este meio, às famílias algarvias que quisessem fazer a caridade de receber algum, durante os feriados do Natal, a fineza de comunicar à Reitoria do Seminário — FARO.

Frei Agostinho de Santa Maria faz-se eco de uma tradição segundo a qual Nossa Senhora teria aparecido pelo ano 900 a um irmão do Rei da Hungria, mais tarde elevado à dignidade episcopal e que recebeu da Virgem a revelação do mistério de sua Conceição Imaculada.

Um século depois, Nossa Senhora concede a graça da mesma revelação a almas privilegiadas na Inglaterra e na França.

Nos Calendários litúrgicos da Irlanda e da Grécia, no século IX, aparece a festa de Nossa Senhora da Conceição. Na Inglaterra, esta festa é celebrada, no sé-

(Continuação na 8.ª página)

Dr. José de Mattos Parreira

Foi nomeado, mediante concurso, Adido da Legação, ficando a prestar serviço na Secretaria do Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros, na qualidade de Consul da 3.ª classe, o sr. Dr. José Manuel Wadington de Mattos Parreira, nosso prezado amigo e comprouvenciano, filho do sr. Dr. João Emiliano de Mattos Parreira, antigo Presidente da Comissão Distrital da U. N.

Ao sr. Dr. Mattos Parreira, que deixa a carreira da magistratura para ingressar na da diplomacia, desejamos as maiores felicidades no desempenho das suas novas responsabilidades oficiais.



Mocidade Portuguesa FEMININA Festa de Nossa Senhora da Conceição

Para celebrar a festa da Imaculada Conceição e dentro das comemorações da Semana da Mãe, a M. P. F., com todas as suas dirigentes e filiadas dos Centros do Ensino Primário e Secundário da Sub-Delegacia de Faro, tomará parte na Missa que, em honra de Nossa Senhora, Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo do Algarve celebrará na Sé, na próxima segunda-feira, dia 9, pelas 17,30 horas. No fim da Missa far-se-á a congração das raparigas a Nossa Senhora.

Previendo uma assistência muito numerosa, a Sub-Delegacia Regional da M. P. F., pede a todas que estejam na Sé às 17,15 horas, a fim de ocuparem os seus lugares, para que tudo corra na melhor ordem.

Comparticipações para Silves e Vila Real

Pelo Sr. Ministro das Obras Públicas foram concedidas as seguintes participações, provenientes do «Fundo do Desemprego»:

Aos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, para remodelação das instalações electricas do serviço público — 1.785.600\$00; à Câmara Municipal de Silves, um reforço de comparticipação da importância de 20.000\$00 para a obra de pavimentação das ruas da cidade, e à Santa Casa da Misericórdia local uma comparticipação de 40.000\$ para a aquisição de mobiliário e equipamento destinado ao seu hospital.

Manhã de Recolecção

Realiza-se no próximo dia 15 pelas 9 horas, na sede da A. C. Destina-se a todas as Direcções e Militantes da A. C. F. e J. C. F. e Dirigentes das Organizações Católicas da cidade de Faro.

Solenes Exéquias

EM SUFRÁGIO DA ALMA do Senhor D. Marcelino António Maria Franco

Conforme foi anunciado, realizaram-se, no passado dia 3, na Sé Catedral, pelas 18,30 horas, Solenes Exéquias em sufrágio da alma de Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor D. Marcelino António Maria Franco, na ocorrência do dia do 2.º aniversário do seu falecimento.

Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor D. Francisco Rendeiro, nosso Venerando Prelado, assistiu no sólio ao Offício de Defuntos e à Missa Solene, no final procedeu às absolvições rituais.

Assistiram os membros do Cabido numerosos sacerdotes da Diocese, Organismos da Acção Católica e Associações Religiosas e muitos fiéis.

No mesmo dia, foram celebradas Missas em Faro e noutras paróquias da Diocese, sufragando a alma do saudoso e ínclito Prelado, que consagrou a vida inteira à causa de Deus e da Santa Igreja na Diocese que lhe serviu de berço.

A «Folha do Domingo» de que Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor D. Marcelino Franco foi fundador, director e denodado impulsionador, presta também a sua comovida e sentida homenagem à saudosíssima memória do Pastor, do Chefe e do Mestre que entrou na imortalidade da glória.

Justa homenagem À MEMÓRIA do Coronel Pires Viegas

Realiza-se, amanhã, dia 9, nesta cidade, a cerimónia da inauguração da placa com o nome do sr. Coronel João dos Santos Pires Viegas com que fica a denominar-se a antiga Praceta da Horta Pinto.

Na ocorrência do 92.º aniversário do nascimento daquele prestigioso militar e ilustre algarvio, a cidade de Faro presta, deste modo, uma justa e significativa homenagem à sua obra e aos seus méritos.

Imaculada Conceição

No Domingo dia 8, pelas 9 horas, será celebrado Solene Pontifical na Sé Catedral.

Na Segunda-feira, dia 9, (transferência litúrgica da festa da Imaculada Conceição) a Missa Vespertina será celebrada às 17,30 horas, especialmente destinada aos estudantes do ensino primário e secundário.

A Mocidade Portuguesa

celebrou o 1.º de Dezembro

Em todo o País, a Mocidade Portuguesa comemorou solenemente a data histórica do 1.º de Dezembro de 1640, que assinala gloriosamente o esforço dos portugueses na obra da Restauração do Portugal.

No Liceu Nacional de Faro, realizou-se uma sessão comemorativa presidida pelo sr. Dr. José Ascenso, ilustre Reitor, que era ladeado pelos srs. Directores do Ciclo — responsáveis da M. P.

Abriu a sessão o sr. Reitor, que apresentou a todos os presentes, especialmente, aos filiados da M. P. a luminosa lição dos heróis de 1640.

A seguir, usou da palavra o

Secção oficial EXAMES

Na próxima Quinta-feira, dia 12, têm o 1.º exame de repetição, no Paço Episcopal, os Reverendos Padre Eudoro dos Santos Vieira, às 15 horas; Padre Francisco da Costa Rita, às 16 horas; Padre José António Nobre Duarte, às 17 horas.

E tem o 1.º Exame de Confessor o Rev. Padre Analide Coelho Guerreiro, às 18 horas.

Aos Sacerdotes que pediram exame para o dia 19, será indicada uma data em Janeiro próximo.

Sr. Dr. Silvino Augusto Leitão, distinto professor do Liceu, que dirigiu aos novos uma vibrante exortação patriótica, despertando nos filiados da M. P. o sentido claro das suas graves responsabilidades para com Deus, para com a Pátria e para com a Família.

O grupo orfeónico da secção feminina do Liceu, sob a proficiente regência da sr.^a D. Gertrudes de Moura, interpretou magníficos números de música.

Foram também distribuídos prémios aos filiados classificados nas competições desportivas do transacto ano lectivo.

No Centro Extra-Escolar, da Casa dos Rapazes, foi celebrada a Santa Missa pelo Rev. P. Joaquim Jorge de Sousa, realizando-se, no final, uma sessão para a entrega de prémios aos filiados do Centro que obtiveram boas classificações nas competições desportivas do ano passado.

Nos outros centros, realizaram-se também actos comemorativos da Independência de Portugal.

A Imaculada Conceição

na História de Portugal

Não se conhece bem quando foi introduzido o culto da Imaculada Conceição em Portugal.

Em S. Vicente de Fora existe uma imagem que dizem ser de Nossa Senhora da Conceição.

Sendo então bispo de Lisboa um clérigo inglês (D. Gilberto) e sendo a festa já celebrada na Inglaterra, era possível que ele tivesse introduzido esta devoção mariana. Nas outras igrejas não existem sequer indícios de tal devoção, neste tempo. Isto não significa que a fé não estivesse introduzida no povo. O assunto porém não estava concretizado.

Os estudiosos decerto negariam, pois estudavam em Paris, onde se negava então este privilégio singular. Alvaro de Pais,

Bispo de Silves, por exemplo. No principio do século XIV, porém, Escoto triunfa em Paris — e o ensino deste privilégio torna-se universal, em toda a cristandade.

As primeiras manifestações certas desse culto em Portugal datam dessa altura.

D. Raimundo, Bispo de Coimbra, em 13 de Outubro de 1320, manda celebrar a festa todos os anos, a 8 de Dezembro. A Rainha santa funda a Capela da Conceição

(Continuação na 8.ª página)

Reunião de Piedade em São Pedro

Os organismos especializados da Acção Católica da Paróquia de São Pedro, tem hoje a sua reunião de Piedade, às 17 e 30 horas, a qual será precedida de meditação.

As pessoas que quiserem preparar-se para a sua Comunhão encontrarão na Igreja Paroquial sacerdotes das 15 e 30 até à hora da Missa.

Cortejo de oferendas

Pede-nos a Comissão Organizadora do Cortejo de Oferendas que tornemos público que se não deve atribuir a menos consideração qualquer falta ou omissão pessoal nas visitas das Comissões angariadoras para o V Cortejo. Portanto, toda ou qualquer pessoa ou entidade que não tenha sido solicitada pessoalmente, pode, se assim o desejar, fazer a sua oferta, até o dia 15 do corrente.

9 DEZ. 1957

Palavras de Vida

Segunda Domingo do Advento

EVANGELHO

Naquele tempo: como João Baptista, estando no cárcere, tivesse ouvido as obras de Cristo, enviando dois dos seus discípulos, Lhe fez esta pergunta: Tu és o que há-de vir ou esperamos por outro? E, respondendo Jesus, lhes disse: partindo daqui, contai a João o que ouvistes e vistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressurgem e aos pobres lhe é anunciado o Evangelho e é bem-aventurado aquele que não tiver sido escandalizado em mim. E, partindo eles, começou Jesus a dizer às turbas sobre João: que saístes a ver no deserto? uma cana agitada ao vento? Mas que saístes a ver? um homem vestido de roupas finas? Mas os que se vestem de roupas finas estão nas casas dos reis. Então que saístes a ver? um profeta? Sim, vos digo e mais que profeta. Porque este é aquele, de quem está escrito: eis que eu envio o meu anjo adiante de Ti e preparará o Teu caminho diante de Ti.

S. Mateus XI, 2 - 10

COMENTÁRIO

Não foi para se certificar a si próprio que João Baptista enviou o seus discípulos a Nosso Senhor: ele vira o Espírito Santo descer sobre Ele nas margens do Jordão, no momento de ser baptizado, ouvirá a voz do Eterno Pai proclamar que Jesus era o Seu Filho bem amado; declarara que não era digno de despertar a correia do Seu calçado. Mas João Baptista receiava que, depois da sua morte, os seus discípulos desconhecêssem a Jesus Cristo. Indo, pois, até junto d'Ele, aprenderiam a conhecê-lo.

Nosso Senhor, adivinhando as intenções do Seu Precursor, fez, na presença dos enviados deste, um certo número de milagres. Não lhes disse que era o Messias, fez mais: provou-o. Depois, reenviou, citando-lhes as palavras do profeta Isaias: «quando Deus vier, Ele vos salvará... então os cegos verão... os pobres serão evangelizados». Era como dizer-lhes: o oráculo do profeta está cumprido; Deus, pois, visitou o Seu povo.

Depois da partida dos discípulos de João, Nosso Senhor pô-se a falar ao povo deste homem admirável.

Louva, em primeiro lugar, a sua constância, a sua firmeza na virtude. «Que ides ver ao deserto? Uma cana agitada pelo vento?» isto é, um homem sem convicções, mudando a todo o instante da vida — hoje piedoso, amanhã indiferente, hoje virtuoso, amanhã pecador, pela manhã à missa, de noite em espectáculos impróprios? Não, o Precursor é, no fim da sua vida, o que era nos seus primeiros anos: um homem de fé robusta, de costumes austeros.

A prisão e a perseguição não o mudam e ele espera, com uma coragem invencível, a morte que lhe está reservada.

Depois de ter louvado a sua constância, Nosso Senhor faz o elogio da sua mortificação. De facto, homem algum excedera a João Baptista na penitência. Desde a sua infância, vivera no deserto, tendo por vestuário um tecido grosseiro e alimentando-se de gafanhotos e mel silvestre.

Louvando o Seu Precursor, Nosso Senhor condena-nos. Não é verdade que a nossa alma, em vez de ser constante, vive numa mutação contínua? A certas horas, queremos ardentemente o bem, a outras, experimentamos uma espécie de simpatia pelo mal, uma espécie de amargor, por não podermos entregar-nos a ele sem remorso, com toda a liberdade de consciência.

Não é, também, verdade que procuramos o bem estar com bastante ardor? Hoje, todas as classes da sociedade estão sedentas de gozo. Só se trabalha para isso. O pobre chega a pensar que só o rico com a abundância dos seus bens, é o homem perfeitamente feliz. Assim para gozar, sacrifica-se a vida de família, os bons costumes, a reputação, a saúde, a justiça, a consciência. Esquece-se de que o Evangelho de ontem é também o Evangelho de hoje, que há apenas um caminho para chegar ao Céu: aquele que Nosso Senhor mostrou e que os santos esguiram, o caminho da mortificação, do sofrimento para obedecer aos mandamentos de Deus, e que, se recusamos seguir a Nosso Senhor no caminho, que conduz ao Céu.

Meus irmãos, neste tempo do Advento, rectifiquemos os nossos pensamentos e nossa conduta, para que um dia possamos receber de Nosso Senhor o elogio, que Ele faz hoje do Seu Precursor.

Auxílio do NATAL VENDE-SE na Casa do Algarve

Para continuar os preparativos da distribuição do Auxílio do Natal da Casa do Algarve, no corrente ano, aos algarvios mais necessitados residentes em Lisboa, reúne na próxima terça-feira, às 18 horas, a Comissão de Protectoras Assistentes da referida agremiação.

Fazem parte desta Comissão as sr.ªs D. Raquel Maria da Graça Mira, D. Maria Eugénia Mardel Correia, Dr.ª D. Maria João Lopes do Paço, D. Alice Esteves Guerreiro Murta, D. Isabel de Sousa Carvalho, D. Rosário Salgado Moreno, D. Ester Neves Franco, D. Emília do Nascimento Mealha, D. Maria das Dores Vilas Pacheco, D. Ilda Cansado, Dr.ª D. Maria Odette Leonardo da Fonseca e D. Isabel Seita Monteiro.

A Casa do Algarve agradece todos os donativos em dinheiro, conservas, agasalhos e brinquedos, que para o dito Auxílio possam ser-lhe desde já enviados ou entregues a cada uma das indicadas componentes da sua organização de beneficência.

Semana Litúrgica

NOVEMBRO

- 8 Dom. — 2.º Advento Mis. sem Gl. Cr. Pref. SS. Trindade.
9 Seg. — Imaculada Conceição — Mis. pr. 2.ª or. fêr. Cr. Pref. N. Senhora.
10 Ter. — Mis. dom. prec. 2.ª or. S. Melquíades (Mis. Si dillgis).
11 Quar. — Mis. dom. prec.; 2.ª or. S. Dámaso (Mis. Si dillgis).
12 Quin. — Mis. dom. pre..
13 Seex. — S. Luzia — Mis. pr. 2.ª or. fêr. Pref. comum.
14 Sáb. — Mis. dom. prec..
15 Dom. — 3.º Advento — Mis. pr. Cr. Pref. SS. Trind..

†

MISSAS AOS DOMINGOS

Freguesia da Sé:

Misericórdia	7,30 horas
S. Francisco	8,00 »
Santo António do Alto	9,00 »
São Francisco	9,30 »
Sé [Missa paroquial]	9,00 »
Sé [Missa das crianças]	10,00 »
Sé	12,00 »
São Luís	10,30 »
Misericórdia	11,00 »

Freguesia de São Pedro:

Carmo	8,30 horas
S. Pedro (Crianças)	9,30 »
» (Paroquial)	10,30 »
Missa Vespertina	17,30 »

CONVITE

A ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DAS FLORINHAS DO SUL

Tem a honra de convidar os Ex.ªs sócios benfeitores e todo o público, a visitar a exposição dos trabalhos executados nesta Instituição.

Avenida 5 de Outubro 28 — Faro — nos dias 12, 13, 14, 15 de Dezembro das 13 às 15 e das 17 às 20 horas.



Assinaturas pagas

Pagaram directamente a sua assinatura os Ex.ªs Srs.:

D. Maria Elisa Júdice Rasquilho — 2173-2225 — Faro; D. Helena da Conceição Pedro — 2174-2225 — Faro; Dr. Francisco Silva Pera — 2226-2277 — Faro; D. Balbina Nunes da Costa Marreiros — 2171-2225 — Lisboa; D. Maria da Conceição Henriques — 2173-2225 — Olhão; Dr. Jaime Rua — 2011-2225 — Loulé; Francisco António Pereira — 2044-2217 — Armação de Pera; D. Izilda Dores Correia — 2121-2173 — Faro; João Inácio Borralho — 2169-2225; D. Carolina dos Anjos Cintra — 2111-2188 — Ferragudo; D. Júlia Lopes Pinto Pires — 2225-2277 — Faro.

V. Ex.ª vem a FARO?

VISITE A RETROSARIA TÉGUI

onde encontrará o maior e mais recente sortido de Sedase algodões linos para vestidos Enxovais para baptizados

Grande sortido de lãs para casacos e vestidos

TÉGUI a melhor casa no género

Rua de Tenente Valadim, 20 Tel. 559 FARO

Do objecto da ciência divina

Vários filósofos negaram que Deus tivesse conhecimento dos seres criados.

Assim Aristóteles considerava tal conhecimento indigno do Ser todo perfeito.

Averróis concedia a Deus um conhecimento das coisas criadas apenas confuso.

Os epicureus julgavam que este conhecimento envileceria a substância divina.

É de fé que Deus conhece outros seres, além da sua própria essência.

O Concílio do Vaticano afirma no I Capítulo — *De Deo rerum omnium creatore* — que Deus é dotado de inteligência infinita. (D. 1782).

Proclama ainda o mesmo Concílio que Deus é Criador e governador do universo.

Isto naturalmente supõe o conhecimento das coisas criadas. (D. 1783 e 1784).

Deus conhecendo-se perfeitamente conhece também a sua virtude, o seu poder. Deve portanto conhecer os outros seres, visto que, no seu poder e na sua virtude, se encontram os outros seres como seus efeitos.

Deus conhece estes seres imediatamente, na sua própria essência. A razão é porque a essência divina não pode representar-se nada imediatamente senão a si própria.

Conhece também as coisas criadas imediatamente em si próprias. Não as pode conhecer imediatamente, porque para isso necessitava conhecê-las por espécies próprias e adequadas. Isto porém é impossível porque nenhuma espécie criada se podem encontrar em Deus. Na verdade, isso seria considerar a inteligência divina como perfectível pelos seres criados — e portanto como imperfeito.

Além disso, deve considerar-se Deus como inteiramente independente das coisas distintas de si. Mas, na verdade, se Deus conhecesse as coisas imediatamente em si mesmas, a Sua ciência seria causada pelas mesmas coisas e assim se destruiria a perfeição da inteligência divina.

Em Deus não pode haver um modo que não seja divino. Ora se Deus conhecesse imediatamente as coisas em si próprias, teria a maneira de conhecer dos seres criados.

O objecto primário do conhecimento divino é a essência divina com as pessoas divinas e todos os atributos.

Na verdade, o objecto primário do conhecimento é especificativo da inteligência divina — o que não pode ser obtido senão pela essência divina.

Além disso, o objecto primário é logicamente mais nobre que os outros objectos. Nada porém se pode considerar mais nobre para ser conhecido pela inteligência divina do que a divina essência.

Deus conhece os outros seres, não «in communi», como sentenciava Averróis, mas por conhecimento próprio.

Se conhecesse in communi, conhecera imperfeitamente, o que repugna.

Além disso, Deus conhece as coisas conforme elas se encontram na sua essência. E as coisas na essência divina encontram-se não só in communi, mas também quanto às suas diferenciações próprias e particulares.

Donde se conclui a perfeição da inteligência divina, quer considerada no que respeita ao seu objecto primário como no que se refere ao objecto secundário do seu conhecimento.

C. B. P.

«O Algarve na poesia de Emiliano da Costa»

PELO

Dr. Clementino de Brito Pinto

Fez bem o dr. Clementino de Brito Pinto em reunir em volume o estudo que sobre Emiliano da Costa publicou no nosso prezado colega *Folha do Domingo*. É um trabalho que efectivamente merecia o aconchego em livro, que lhe garante mais fácil leitura e permite aos interessados relacionarem-se, sem grande dificuldade ou morosa pesquisa, com o poeta tavnense. Brito Pinto de cuja pena já saiu um trabalho sobre outro poeta algarvio — Cândido Guerreiro — está perfeitamente documentado sobre Emiliano da Costa. Deduz-se facilmente que assim é pelo estudo circunstanciado que nos faz do poeta. Analisa cobiçosamente a sua poesia, localiza-a e chama a nossa atenção para a linguagem de Emiliano da Costa em cujo vocabulário abunda o falar do povo algarvio. «Poeta do dia-a-dia — diz Brito Pinto — do quotidiano, do simples, do natural, do campesino, um pouco à maneira de Cesário, pintando com cores fortes as actividades, labores e canseiras da gente rústica — e nisto foi-lhe proveitoso o exemplo de Fialho, Emiliano utiliza um vocabulário riquíssimo, cuja opulência nos faz lembrar Eugénio de Castro».

Prestou o autor do estudo serviço útil ao poeta, pelo contributo que nos fornece para o seu conhecimento e não menor serviço prestou às letras algarvias com o equilibrado ensaio que aquele lhe deu oportunidade de redigir, em desprentenciosa, mas boa linguagem portuguesa — daquela que já começa a esquecer.

(Do «Jornal do Algarve» — 19 — Out. — 1957)

Lino Ferreira

Cirurgião Ortopedista

Assistente dos Hospitais Cívicos de Lisboa

Consultas de doenças dos ossos e Articulacões

Consulta em 7 de Dezembro na Casa de Saúde de Faro

Telefone 57

Marcam-se consultas para de manhã e de tarde

A TULIPA

CASA DE SEMENTES

Rua Ivens n.º 11 FARO

Neste novo estabelecimento encontram V. Ex.ªs um completo sortido em sementes para Horta e Jardim, chás medicinais Insecticidas. Apetrechos para jardim.

Flores naturais e artificiais, completo sortido em Bolbos de Flores, morangueiros, etc..

Enviem-se para qualquer localidade.

Visite V. Ex.ª

A TULIPA

MAX TAMS

Lições de pintura diurnas e noturnas

Preços e horas a combinar

PAISAGENS e RETRATO

Rua Infante D. Henrique, 37

FARO

ANO I

N.º 14

PÓRTICO

SUPLEMENTO CULTURAL

uma voz

ao serviço

da cultura

Esta geração malograda...

por MARIA ROSA COLAÇO

Que isto em poesia e em nome dos altos e elevados ideais, faz-se tudo, meus senhores. E até há aqueles que nasceram para Vasco da Gama e pelos vistos só se servem dos jornais para dar largas aos grandes caminhos marítimos do seu fel de má vontade.

Esta conversazinha muito amena, vai aqui mesmo, entre as sopas do almoço e a hora do trabalho, que é para a digestão ser mais regular. Não segue na caixa do correio que devia seguir porque para essas cartas costuma sempre haver um cesto roto que lhes engole o entusiasmo e nunca mais se lhes vê o conteúdo.

Ora isto tinha por força que acabar uma vez, porque isto de gastar papel em monólogos com cara (mas só cara) de diálogo, não está certo. E ou bem que somos cavaleiros e de cara destapada defendemos nossos ideais ou então acabemos com os duelos na sombra com elmo enferrujado e viseira descida. Credo! Até os corvos do descampado já se fartaram de cadáveres.

Eu não conheço o Senhor F..., com quem hoje venho conversar. Sei todavia que ele dirige (e nós digerimos) uma página literária em certo jornal — muito simpático e apresentável diga-se em abono da província e da terra a que pertence, o tal jornal — e, com franqueza, uma página literária nos nossos dias não é coisa que se faça de ânimo leve (ou pelo menos não se devia fazer).

Escrevi em tempos, para a tal página, uma espécie de carta aberta a esse senhor, em resposta a um artigo em que ele fuzilava em todas as perspectivas a poesia contemporânea, isto, sem salvar quem quer que fosse, e por melhor que fosse, numa confusão de valores que fazia doer a alma a um santo, nesta época de gente sem alma, uma vez que todos os santos são poetas e o senhor F... afirma que a nossa poesia não tem alma.

E complicada esta filosofia ou esta lógica, não é? E de graça e usa-se cá por casa.

Mas, continuando: a carta não foi publicada — como eu já esperava — e embora isso não seja de bom-tom jornalístico, até por-

que há um princípio que estabelece que toda a controvérsia deve ser mantida às claras, e na mesma coluna em que foi iniciada.

Pois hoje, aqui estou de novo — bem prega Frei Tomás... —, a responder ao senhor F..., que na sua página, volta a dar uma tareia, não sei em que fantasmas modernos porque, ainda por cima, quando fala é sempre no geral. Ora nós, caro e respeitável senhor F..., não sei porque grande amabilidade do destino, nascemos já nas cadeiras achamos que o espectáculo visto daqui é mais cómodo e agradável. Gostos...

Mas quem lhe disse alguma vez que o Camões não presta? E o Quental? E esses todos que com ar compungido evoca, como se todos os novos os ignorassem, como se todos desconhecêssem o que eles representam e representaram?

Não será já complexo? E quem lhe disse que hoje não há sonetos? Há sim senhor! A propósito: conhece um dos últimos ou o último livro da Maria Helena? Então leia que não perderá o seu tempo e veja como «esta poesia moderna» pode fazer um soneto. Pode e sabe.

Porque há de insistir o senhor F... no perfume etéreo a al-fazema e não sei que outros celestiais aromas do passado quando a angústia agora é outra, a fome outra e as realidades outras?

Ou vamos continuar eternamente em fita de Capa e Espada?

Salvou-se o Régio, vá lá... E o Torga! Valha-nos isso. Mas mesmo assim não será motivo de foguetes porque estes também são da nossa época e esta não tem literatura...

Porque não actualiza o senhor F... os seus programas literários e insiste tanto no Batem leve, levemente...

Nós, os novos, só sabemos bater duro... talvez porque herdamos muito punhal escondido no meio dos sorrisos desse tempo que chora...

E acho que antes de acusar de-

via tentar, pelo menos, compreender. E acho que não devia tomar uma frase infeliz (ou talvez não) para definir uma geração que, indiscutivelmente, já marcou o seu tempo.

De resto, senhor F... a poesia é algo mais que carpideira doméstica: é coragem, é luta, são lágrimas, é sangue.

A Poesia não pode ser desta ou daquela hora: é de hoje, é de ontem, será de sempre. As formas de exprimi-la é que variam. Para que há-de considerar a beleza, só quando a vê algemada em 14 versos e não sel quantas bem (ou mal) medidas sílabas?

Quem perdeu o vôo das aves? Quem limitou o perfume da rosa?

Quem algemou um olhar infantil?

A Poesia é mais que suspiros e ma vontades. É este abraço invisível e belo que se estão a dar nesta hora os jovens de todo o mundo, tenham eles 16 ou 20 anos, 40 ou até sem idade como o sonho.

Escrevinhadora sou. Poeta, pouco ou quase nada. Dizendo tudo isto (já tenho o almoço frio!) não procuro defender-me a mim, que nada valho e tenho o estômago à prova de todas as indigestões ou fomes que possa apanhar, mas defendo uma geração de valor a que me orgulho de pertencer por nela ter nascido.

Mais por isso que pelo contributo que para esse valor possa ter dado, note-se...

De resto, há uma espécie de ironia oca que apenas faz sorrir. E acho, senhor F... que quando se critica poesia, não se isola uma frase que dessa forma não faz sentido e chega a ferir a sensibilidade. Ou se acusa a recepção do livro (neste caso caderno) — o que é elegante e fidalgo, ou então ficamos calados que é o melhor.

A Poesia, agora ou no século XVIII antes de Cristo, quando se ama, não se ridiculariza. Poesia também é altura de sentimentos. Mas... «A Poesia de hoje não tem alma»...

Pois não, senhor F... Tem-lha roubado de mil maneiras com as mais variadas «Notas e Comentários»... E também aredito: se o Camões cá voltasse e a visse tão mal tratada pelos seus pseudo-defensores, acabaria por morrer de fome outra vez...

ANTOLOGIA POÉTICA

A B C

Com só vinte e três letras, nada mais,
Meio século, quase a vida inteira!
Meio século de áspera canseira
Com vinte e três minúsculos sinais!

Uns riscos pequeninos, desiguais...
Mas são labaredas da fogueira
De vinte e três estrelas na clareira
Da floresta das sombras imortais...

— Há cânticos e há lágrimas de afecto,
E a romaria de almas ajoelha,
Senhora, a vossos pés, neste momento.

É que vós, com as letras do alfabeto,
Nessas almas pusestes a centelha
Que lhes amostra Deus — o pensamento!

II

Abecê é a luz que bruxoleia
No cérebro infantil, tímida e vaga,
Mas, pouco a pouco, vai subindo e alaga,
Alta maré do resplendor da ideia.

E, feito archote a trémula candeia,
Nenhuma ventania no-la apaga...
Bálsamo eterno para toda a chaga,
Ela é o cálix da divina Ceia...

Abecê — a semente que, lançada
No coração — argila, árida rocha, —
Germina e vai tocar constelações.

Contemplai-a: dessa árvore sagrada
Miraculosamente desabrocha
Uma bíblia, os Lustadas — Camões...

CÂNDIDO GUERREIRO

APONTAMENTO

Porquê este salto do século XVI para o nosso?

O director desta página sugeriu-nos que a presente Antologia fosse dedicada ao saudoso Poeta Cândido Guerreiro que, nestes dias, se fora vivo, completaria 86 anos de vida. Nada mais grato do que recordar, com a publicação de alguns sonetos seus, o Amigo que há quatro anos nos deixou.

Escolhemos estes versos — em que se presta homenagem a uma senhora que completara 70 anos de idade e 50 de magistério, no ensino primário.

Queremos assim, na mesma homenagem do Poeta, envolver a todos os trabalhadores do espiri-

to a quem cabe a responsabilidade grande de acender nas inteligências infantis a primeira chama, que mais tarde poderá ser fogueira, incêndio, capaz de iluminar e abraçar ao mundo inteiro.

E porque o seu aniversário natalício passa no mesmo dia em que Cândido Guerreiro completaria os seus 86 anos, não podemos deixar de saudar aqui outro grande poeta algarvio, a quem o nosso jornal se tem referido frequentemente — Emiliano da Costa, que Deus conserve por muitos anos e bons, para alegria de seus amigos e glória da Poesia da nossa terra.

C. B. P.

Não vou para parte alguma

OUTRO POEMA PARA A BIA

não vou para parte alguma
eu próprio sou partida
estou indo mas não vou
minha ida
é uma imagem
do que não sou

nem me lamento nem me alegro
vivo
tenho um papel no palco do mundo
liberto ou cativo
meu nome não renego
apenas o quero mais profundo

meu nome não é partida
meu nome não é chegada
é leve como o vento e pesado como a dor
pode não ser nada
mas pode ser também a medida
de um perdurável amor

Faro, 28 / XI / 57

Casimiro de Brito

Pórtico

Colaboram neste número:

Casimiro de Brito

Não vou para parte alguma
e selecção de «Recortes»

P.º Clementino de Brito Pinto

Antologia

João Leal

A propósito de... «Encontro»

Maria Rosa Colaço

Esta juventude malograda...

Mário Zambujal

«Flash»

Nita Lapa

Alvorecer

Rufino Saul

Noviembre

Alvorecer

OLHAI E VÊDE!
O SOL ESPLENDOROSO
ROMPEU O MANTO ANILADO
DO FIRMAMENTO.
OUVEM-SE NOTAS MUSICAIS,
SOLTAS AO VENTO,
QUAIS APELOS À NATUREZA ADORMECIDA.
SÃO OS GORGEIOS DAS AVES IRREQUIETAS,
QUE ASSIM SAÚDAM O NOVO DIA.
ESCUTAI!
O SIBILAR DO VENTO
É UMA MELODIA COLORIDA.
EXTÁCTICA, CONTEMPLO UM MOMENTO O HORIZONTE
QUE SE ALARGA A PERDER DE VISTA.
E PENSO QUÃO GRANDE
É O PODER DO OMNIPOTENTE,
QUE TUDO MODELOU, COM MÃOS DE ARTISTA.

«Nita Lapa»

A proposito de...

...«Encontro»

A poesia moderna, tem sido um tema ultimamente muito em voga e motivo para uma discussão (às vezes sem bases...), ou para uma conversinha (deturpante, é claro...) entre duas chávenas de café. E é sabido, que não se fala com intuito construtivo ou animados por uma ideia de esclarecimento e compreensão.

Deturpa-se; fala-se muito, mas conclue-se pouco, porque não se compreende ou não se tenta compreender a arte moderna ou antes a necessária evolução da arte.

Vem isto o propósito, por termos na nossa frente o 1.º número dos Cadernos.

«ENCONTRO», antologia de poesia moderna e colaborada por gente nova, jovens da geração Convívio, que a despeito do «meio ambiente», fizeram algo que marca um novo caminho no nosso panorama. (Todos os dias se traçam novos caminhos, mas que, em geral se perdem na confusão dos valores ou das ideias)...

Esta edição, sem visar lucros (coisa rara em nossos dias)... constitui talvez uma ousadia, sabido como grande é a dificuldade de colocação das publicações no

nosso mercado. Depois, o valor da colaboração é sério e bom, tratando-se de páginas de poesia humana e gritos de homens, procurando o seu mundo, numa ânsia de felicidade ou numa imagem aparente de tal, daquele «Quer-rer» do Casimiro de Brito ao terminar o 6.º poema:

...Morrer a rir sem vontade
feliz, infinitamente feliz
para morrer enganado...

É uma poesia de esperança e de sentido construtivo, dentro de realidades ideológicas, formando um todo homogêneo, na visão de ângulos diferentes.

Foram cinco os poetas, que colaboraram no 1.º número—Carolina Lima Vaz, Casimiro de Brito, Domingos Carvalho, Eduardo Olímpio e José da Fonte Santa; mais se hão-de seguir, pois que «ENCONTRO» pertence ser uma antologia de novos valores, tal como é definido no próprio caderno: Encontro de poetas jovens.

Semente pequena é certo, para um maior pomar de convívio e cooperação literária.

De todos. Por isso, poeta e moço que acredita: não deixes de comparecer ao Encontro que aqui te marcamos.

Que a obra, continue a crescer, guiada pelo mesmo ideal de cooperação e colaboração, é tudo quanto de mais sincero formulamos.

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

A correspondência para PÓRTICO deve ser dirigida a:

JOÃO LEAL

Rua Infante D. Henrique — Faro

João Leal

Presença da Poesia Espanhola

INQUIETUDES

Noviembre sentimental

Noviembre, mes de piedad;
de recuerdo a los que fueron
y no volverán jamás!
porque, un día, en la Eternidad
para siempre se perdieron.
Este Noviembre otonal
del Invierno precursor,
nos llega, sentimental,
con un tiempo desigual
y crisantemos en flor.
Y nos trae olor de cera
quemada en santos altares;
y una remembranza austera,
al par que triste y sincera,
a los cristianos hogares.
En Noviembre, gris y triste,
llega el Ocaso a los huertos...
De luto el alma se viste,
y nadie, en fin, se resiste
al recuerdo de sus muertos.

Noviembre, plomizo y frio,
— consagrado a los difuntos, —
invade el alma con brio
en extraño desvarío
y arrobadores trasuntos.
Noviembre; mes de oración,
que hace revivir olvidos
de triste recordación,
con la dulce evocación
de nuestros deudos queridos...

Noviembre a pensar convida;
anticipo de Diciembre,
la flora queda aterida...;
Y en el curso de esta vida,
quién llegará a otro Noviembre!

Rufino Saul

«Flash»

AMARELEJA — 5 de Novembro

Aqui estou eu, neste meu velho Alentejo de que já tinha saudades. Dizem que é triste, que é feio, que é isto, que é aquilo, Será. Mas quando atravesso a ponte do Vascão é uma alma nova que me entra.

AMARELEJA — 7 de Novembro

Fui ao campo com o ti'Deca.
O ti'Deca é aquilo: setenta anos de ar livre, de lavoura, de mondas, de ceifas. Um velho chapéu de feltro enfiado na cabeça. Com chuva ou com sol, de noite ou de dia. Vive com ele, come com ele, e não sei se dorme com ele. Quando o ti'Deca fala a gente sente a melancolia dolente da terra. É um falar lento, descansado, reflectido. Alentejano chapado. Vai-me indicando os campos em redor e dizendo coisas. Coisas sobre o campo, sobre a terra, que é do que ele sabe. Nunca saiu dali, nunca viu o mar. Mas falem-lhe na terra, nas sementeiras, nas cearas, e fiquem-se a ouvir a sua experiência de setenta anos. Perguntem-lhe como vai estar o tempo amanhã, que ele responderá, com uma precisão infalível, se choverá ou não. Sabe-se pela cor do céu, pela temperatura do ar, pelas ferroadas que lhe dão os joanetes. Vai-me falando de tudo isso e, de vez em quando, açoitando de leve a lombada da mula com a ponta da rédea, enquanto a incita com aquele seu imutável tom de voz embebido de paz e de pachorra:
— Arre, muuuuula!...

AMARELEJA — 8 de Novembro

Uma longa volta pelos lugares onde brinquei quando era catraio. Uma espécie de romagem de saudade. Uma semi-alegria, semi-tristeza, ao rever os primeiros horizontes que avistei cá neste Mundo. A casa onde morei, a escola onde aprendi o b-a-ba, as ruas de covas e poeira onde joguei à bola, ao berlinda, ao pião e à pancada. Ficam sempre saudades disto. Até da pancada.

AMARELEJA—11 de Novembro

A prova dos vinhos novos é uma solenidade. Alegre e ruidosa, mas uma solenidade, Saboreia-se, comenta-se, discute-se: «Já se bebe», «Ainda não», «Está daquí!».

E acaba tudo a cantar o «Lá vai Serpa, lá vai Moura»...

AMARELEJA—13 de Novembro

Na cama, com gripe...

AMARELEJA—15 de Novembro

Estou melhor, obrigado.

AMARELEJA—16 de Novembro

De Moura aos Machados, a automotora à cunha. Gente que lá vai labutar na apanha da azeitona. Homens, crianças e, sobretudo, colchões e mantimentos para enquanto durar a faina. Conversam, riem. Aqui, dois homens relembraram peripécias do varejo dos anos passados. Além, meia dúzia de raparigas (morenas e bonitotas) prometem que, logo que termine a empreitada, hão-de «armar um bailho».

Gente que vai trabalhar, um trabalho áspero, duro, de moer os rins, mas que tem um aspecto lavado e feliz de quem vai para a romaria.

FARO — 24 de Novembro

À noite, regressando a casa, encontro um sujeito estendido na valeta. Ao comprido. Tinha eu, de tarde, lido um terrível romance policial, com muitos tiros, muito barulho, muita gente morta, e fez-me mal, isso. Pensei logo que também já tinham despachado aquele. Com uma facada nas costas, à traição, como vemos nos filmes sobre Casbah.

Mas não. O que o homem tinha era uma valentíssima bebedeira.

PÓRTICO

Suplemento Cultural

N.º 14

Recortes

Livres como o vento, sem chapéu de coco, sem luvas estreitas e sem fardas académicas, livres como cães vadios, experimentando, peregrinamente sós, a sua dor, o seu misérrimo e profundo triunfo — esses são os artistas, os homens do santo e senha, os confessores da mentira, da falcatura e do desespero. Os outros vagueiam entre a corte e a anarquia, não conhecem jamais esse lento perfume do meu que o cego Homero cantaria nos caminhos pedregosos da sua romagem de justiça, não ouvirão jamais as sereias de Ulisses trinando as vozes inenarráveis (...) Os artistas hão-de ser para sempre vagabundos, místicos, soldados, hão-de errar pela terra como a semente da árvore do bem e do mal, e vós, ó novos companheiros que mal espontais o buço e deixais as sandálias de crianças, dai ao artista um desamparo único, trucidai-lhe os sonhos de convalescença da sua velha condição maltratada. Fazer as criaturas felizes é esquecer-las. Com o artista, que isso não acontece. Quando da raça humana não se ouvir mais um grito de protesto ou de rancor, quando toda a terra fôr uma cidade hermética, automática, centralizada, quando o operário e o técnico da ciência possuírem o seu padrão capitalista por direito de equivalência, que alguém como vós, ó novos da minha raça, negue a felicidade, negue o seu voto, e, poeta dos reactores, paisagista das centrais atómicas, denuncie a falência da civilização.

Agustina Bessa Luís

(do livro «A Muralha», pág., 321
— selecção de C. de B.)

Noticiário Literário

Deve sair durante o corrente mês o último fascículo de «Teatro Moderno» da autoria de Francisco Rebelo.

Obra do maior interesse, insere, além de estudos sobre os grandes dramaturgos dos últimos tempos e correntes seguidas, peças completas de Copeau, Garcia Lorca, Pirandello e outros.

D. Quixote — tribuna literária dos portugueses, que Madeira Piçarra dirige em Évora, continua desempenhando a sua missão cultural, dentro dum verdadeiro espírito de seriedade e da mais valiosa colaboração no panorama das nossas artes e let.as.

Em comemoração do centenário de Columbano, apareceu nos escaparates o livro «Cartas a Columbano», da autoria de Teixeira Gomes.

Acusamos a recepção de mais um número de «Pla-

Sacudo-o, agito-o, e digo-lhe que já vão sendo horas. O tipo mexe-se, contorce-se, funga, espirra, tosse, arregala os olhos, espeta um braço no ar, e berra-me aos ouvidos num vozeirão que atroa a rua:

— Viva o Farense!

Mário Zambujal

«Poesias da Solidão Imperfeita», quinzenário cultural e regionalista onde se têm debatido os mais importantes pontos e questões de interesse para a nossa cultura e em especial para a defesa dos direitos dos nossos escritores.

O conhecido escritor Manuel Ferreira, vai organizar uma antologia de «Textos Ultramarinos». Os pedidos de inscrição devem-lhe ser dirigidos para a Rua da Electricidade — Caldas da Rainha.

«Poesias da Solidão Imperfeita», é o título do livro de poesias de Casimiro de Brito, e que seguindo consta sairá o prelo até ao fim do corrente ano.

(—)(—)(—)(—)(—)(—)(—)

CINEMA

O FILME «BERNARDETTE DE LOURDES»

A actriz que interpretará o papel de Bernardette no filme «Bernardette de Lourdes» (e que ainda não foi designada), pode, a convite da Superiora do convento de S. Gildard em Nevers, onde viveu Bernardette, com o nome de Irmã Maria Bernardo, passar quinze dias entre as religiosas, vivendo a sua vida.

A primeira volta da manivela efectua-se, em 11 de Fevereiro próximo.



Página Feminina



A Ti, Mãe Imaculada

A TI que subiste além de todas as mulheres, a Ti que foste a Mãe modelo de todas as mães, a Ti que soubeste levar até ao fim a Tua cruz com resignação, a Ti eu, pobre criatura humana, peço neste dia que nos dê um pouco da claridade do Teu meigo olhar para que possamos caminhar direito ao longo da vida onde só encontramos verdades tortuosas, que conduzas para o bem, os corações com o carinho e a meiguice que só Tu possuis Perdoa, Mãe, se peço demais, mas eu queria que todos te amassem com o amor incero e puro que mereces e que dissessem comigo neste dia: — O' Maria Imaculada, Rainha das mulheres, símbolo de pureza, nós amamos-Te e queremos trazer-Te sempre presente nos nossos corações!



MARICELA

A má educação que se dá à Mulher redonda em prejuizo do Homem, pois a vida desordenada deste provém, com frequência, da má educação, que sua própria mãe lhe deu.

S. Gregório Nazianzeno

Festas de Nossa Senhora

Sabes em que data a Santa Igreja celebra estas Festas de Nossa Senhora? Se não atinares com a maioria das datas, fico a desconfiar da tua devoção para com Nossa Senhora?...
 Imaculada Conceição
 Assunção da Virgem
 Purificação
 Nossa Senhora das Dores
 Natividade de Nossa Senhora
 Santo Nome de Maria
 Anunciação
 Visitação
 Nossa Senhora do Carmo
 Nossa Senhora do Rosário
 Nossa Senhora de Fátima
 Nossa Senhora de Lourdes
 Imaculado Coração de Maria
 Nossa Senhora Medianeira de todas as Graças.

Regras de civilidade

Quando se é convidado para um jantar é prova de gentileza oferecer flores à dona da casa. Só quando se tem muita intimidade é que se oferece um doce que sabemos ser muito apreciado.

— Numa festa em casa de pessoa amiga, uma rapariga não deve dançar sempre com o mesmo par. Mesmo que se trate de uma senhora casada, deve aceitar todos os convites que lhe forem feitos; no caso do marido, deve, por sua vez, convidar as senhoras presentes para dançar, começando pela dona da casa.

Rainha e Mãe

Geraste-nos na Dor, Divina Mãe,
 Lá no Calvário, onde Jesus sofria
 Dores que o mando não entenderia! ..
 O teu amor amargo travor tem.

Não és só Mãe. Rainha és. Porém,
 Estranho reino é o teu, Virgem Maria!
 Enquanto o Filho as almas redimia
 A tua Dor logo as remiu também.

E agora, na Igreja Triunfante,
 Dos Anjos és Rainha e és Senhora
 Com brilhos de beleza deslumbrante.

Tu és Rainha, Mãe, Corredentora!
 Debraça-te para a terra militante.
 Protege-nos, ó Mãe, a toda a hora!

GUIDA

Vivendo e aprendendo...

Para fazer desaparecer sem descolorar e sem deixar manchas no tecido, a tinta das lapiseiras esfográficas, esfregue-os com algodão em rama, embe-

bido em éter ou alcool desnaturalado.

A essência do eucalipto é um preventivo radical para os mosquitos. Se embeber uma esponja neste líquido e a colocar no lugar onde eles costumam aparecer, rapidamente serão afugentados.

Para limpar golas ensabadas use a seguinte mistura: uma colher de sopa de amoníaco para uma chávena de água;

Considera-se correcto todo o homem que faça menção de dar o braço a uma senhora, mesmo que não seja seu marido ou parente próximo, ao atravessar uma rua, subir para um carro, etc., etc.

aquele refectório, abobadado e enegrecido, que fez pensar nas catacumbas dos primeiros cristãos... o jardinzinho de alguns metros, onde a Santa cultivava as suas flores.

A uma meia-légua de ali, no fundo suave do vale, bem visível no ar transparente e vaporoso, Clara observava a solidão em que vivia o seu pai espiritual. E a sua alma ia até à sua alma... Que esplêndido dogma o da comunhão dos santos!

A Luciana escutou o som dos sinos que subiam, com suavidade, do vale verdejante.

Apesar do calor e da escassez do tempo, ela quis descer à *Porciúncula* onde em plena noite, à hora de Matinas, chegou um dia Clara, a formosa donzela festejada, requestada por todos os senhores do vale.

Foi ali que ela deixou as suas ricas vestes de seda... foi ali que envergou o hábito de burel... foi ali que S. Francisco lhe cortou os cabelos, que ela tinha maravilhosamente belos, e a deu para sempre a Cristo e a Dona Pobreza.

E enquanto caminhava pelo meio dos prados, de onde subia

Nem sombra de Padre entre ti e mim

Pierre Lermite — (Edições Paulistas) — N.º 25

um perfume de hortelã e de verbena, a jovem ia pensando que, com efeito, desta terra única e tão poeticamente verdejante devia sair um santo que comungaria com toda a Natureza... que chamaria às andorinhas «minhas irmãs» e ao lobo «meu irmão».

Gilberto esperava-a. Ele tinha, mais do que nos outros dias, uma expressão fisionómica aborrecida e ao mesmo tempo escarinhada de que ela não gostava nada e que já a fazia sofrer.

Era a primeira vez que se tinha separado. A Luciana não ocultou uma certa melancolia por não ter partilhado com seu marido de tão doces impressões. Mas o Gilberto não quis aperceber-se disso.

— Que fizeste tu durante todo o dia? pergunta-lhe a Luciana.

— Fumei cigarros, a pensar na minha bem-amada.

— Nem sequer visitaste a cidade?

— Não... As ruelas aqui são calcetadas com uns seixos pontegados tão detestáveis, que tive dó das minhas botinhas novas.

— Tu lembras-te perfeitamente daquele quadro célebre em que S. Francisco de Assis, expirando num catre, abençoa a sua querida cidade?

— Sim, vê-se isso em toda a parte na rua São Sulpício. Mas eu vou confiar-te baixinho uma coisa: Na verdade, eu não sei, porque tive medo de ser devorado, mesmo crú, pelo lobo de Gubbio!...

— Parece-me que ainda estás a troçar...

— Oh! não, eu não me atrevia a uma coisa dessas! Mas aqui não há nada de artístico...

— Nada? E então o retrato de Santa Clara por Cimabué, e os frescos de Giotto?

— Criança!... Isso só tem valor visto de longe, a partir de quatrocentos anos e de seiscentos quilómetros... Ah! e também para esses velhos intrujões astutos, a que chamam antiquários... — Como te fica mal estares a chasquear de tudo!

— O que fica mal é ter abandonado o seu maridinho. A Senhora já pensou que foi o primeiro dia que não passámos juntos?

— Já pensei nisso, já; mas de quem foi a culpa? Quem fez beicinho por vir?

— E quem foi que não quis ficar?

— Eu creio que quando se vem a Assis, é, em todo o caso, por causa de alguém...

— Foi por ti minha querida.

— Mais valia que tivesse sido também por aqueles que foram maiores e melhores do que nós.

— Maiores e melhores? Isso depende da maneira de ver. Tudo é relativo...

— Que heresia!... Se o padre Paulet te ouvisse!...

— Mandava-me grelhar instantaneamente como uma costeleta?

— Não, porque ele é muito bom. Mas protestava...

A discussão acabou com alguns beijos em que, pela primeira vez, a vontade da Luciana teve de intervir. A viagem não terminava exactamente tão bem como tinha começado.

Felizmente, Veneza foi uma apoteose. A Luciana, um pouco fatigada e melancólica, gostou do seu silêncio... da tranquila poesia que têm os longos passeios, de noite, em gôndola...

A lua estava serena e brincava sobre as águas...

São Marcos, à noite, pareceu-lhe um tecido precioso e antigo, bordado a ouro e estendido sobre azul sombrio, constelado de estrelas.

(CONTINUA)



Futebol O DESPORTO É UMA FORÇA

O FARENSE E O OLANHENSE AUMENTARAM A SUA VANTAGEM

Na última jornada da I Volta, os dois primeiros classificados aumentaram a sua vantagem sobre alguns dos seus mais directos seguidores, beneficiando da derrota do Portimonense em Serpa e do empate que o Atlético consentiu, na sua casa, com o «lanterna vermelha».

O Olanhense, no Estádio Padinha, só muito tarde — a alguns minutos do fim — é que deu a tranquilidade aos seus adeptos com a consecução do golo da vitória.

O Farense foi de abalada até Coruche e trouxe na sua bagagem uma excelente vitória tão necessária para continuar à frente da sua Zona.

Pena que o Portimonense — como ao Olanhense já acontecera — tivesse sucumbido em Serpa. Não fora isso — e o terceto algarvio continuaria na vanguarda da classificação.

Entretanto, enquanto o Atlético, depois da derrota de Faro, consentindo um empate em casa, desceu para quinto lugar, de parceria com o Serpa, é de notar a boa prova que o Juventude vem realizando, com um excelente terceiro lugar, na classificação actual.

MAIS UMA DESLOCAÇÃO DIFÍCIL DO FARENSE

O Farense tem que viajar novamente. Desta vez, até ao Montijo. E a perspectiva não é das mais agradáveis. No entanto, é para considerar que o Montijo está longe da forma do ano passado e que o Farense se encontra a jogar magnificamente. Tendo estas circunstâncias em conta, não custa aceitar que o Farense não saia derrotado deste jogo bastante difícil.

O Olanhense recebe de novo um último da tabela. É natural que não deve ter confiança demasiada nas suas possibilidades a ponto de desprezar a importância do desafio.

Jogando desde o início com as devidas cautelas, o Olanhense pode oferecer, desde o início a tranquilidade e o descanso aos seus «aficionados».

O Portimonense recebe o Beja que alimenta muito legitimamente aspirações a classificar-se para a fase final — e precisa absolutamente de vencer este desafio, para que, dentro de pouco tempo, venha a reconstituir-se, na dianteira, o terceto dos clubes algarvios.

Farense, 2 - Coruchense, 1

TRINTA MINUTOS DE BOM FUTEBOL, CHEGARAM PARA OS ALGARVIOS ARRECADAREM MAIS DOIS PONTOS

Iam decorridos sete minutos de jogo quando o Farense marcou o seu primeiro golo numa jogada em que Queimado depois de fintar dois adversários entregou o esférico a Vinagre em boas condições, e este com um pontapé bem colocado fez a bola bater no ferro interior da baliza do Coruchense e ressaltar para fora, deixando a assistência em suspenso. O grupo de Faro continuou a dominar, onde Vieirinha se salientou na entrega da bola aos seus colegas da frente. Os algarvios beneficiaram dum livre de canto este apontado por Queimado que Tarro com um bom golpe de cabeça fez anichar a bola pela segunda vez, nas redes do adversário.

O Coruchense ao sofrer o segundo golo atirou-se para a frente na intenção de modificar o resultado, executando Isaurindo algumas defesas espectaculares este em grande altura e Vieirinha na boa distribuição de jogo fez uma tarde de maré.

O sr. Abel M. Pires, mal ajudado, cometeu alguns erros, mas apesar disso aceita-se o seu trabalho.

F. G. Q.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

I Divisão

	J	V	E	D	P
Sporting	13	12	1	—	25
Porto	13	12	—	1	24
Benfica	13	8	1	4	17
Braga	13	5	3	5	17
Lusitano	13	6	1	6	13
Belenenses	13	6	1	6	13
Académica	13	6	1	6	13
Barreirense	13	5	1	7	11
Torreense	13	5	1	7	11
Salgueiros	13	5	—	8	10
Caldas	13	4	2	7	10
Cuf	13	4	—	9	8
Vitória (Setúbal)	13	3	2	8	8
Oriental	13	2	2	9	6

II DIVISÃO

	J	V	E	D	P
Farense	13	10	—	3	20
Olanhense	13	9	1	3	19
Juventude	13	7	4	2	18
Atlético	13	7	2	4	16
Portimonense	13	8	—	5	16
F. C. Serpa	13	7	1	5	15
Montijo	13	5	4	4	14
Desp. Beja	13	7	—	6	14
Arroios	13	6	1	6	13
Coruchense	13	4	2	7	10
Estoril	13	3	2	8	8
Almada	13	3	1	9	7
Portalegrense	13	2	2	9	6
Montemor	13	2	1	10	6

III DIVISÃO

	J	V	E	D	P
LUSITANO	6	4	1	1	9
UNIDOS	6	3	2	1	8
SILVES	6	3	1	2	7
LOULETANO	6	2	1	3	5
DEP. S. BRÁS	6	2	1	2	5
BOA ESPER.	6	1	—	5	2

Fernandez

TREINADOR DA SELECÇÃO NACIONAL

Enrique Fernandez foi convidado pela F. P. F. para treinar a nossa Selecção. O Sporting concedeu a licença e o técnico uruguaio não pediu condições, mesmo de ordem material.

Entrevista de J. Pereira Melo

Olanhense, 1 - Estoril, 0

O primeiro tempo terminou sem bolas. Parra perdeu algumas boas ocasiões de abrir o activo e Fonte Santa, num passe para Abade, ia dando azo a que Caracol aproveitasse para fazer golo.

Depois de rémates de Uria, que Abade defendeu, e de Vinício, devolvido pelo poste, Costa de surpresa marcou o único golo da partida, quando iam decorridos 32 minutos da II Parte.

No Estoril, Uria foi o melhor. Silvío, Costa e Reina salientaram-se nos locais, que continuam com a pecha de sempre — afunilar o jogo na zona da verdade quando a rapidez de execução mais necessária se torna.

Vaz Valente arbitrou bem este encontro.

Serpa, 3 - Portimonense, 1

Os portimonenses foram os primeiros a marcar aos 17 minutos. Jorge foi o autor do golo que viria a ser o único da partida.

Patalino, porém, passados quatro minutos empatou, num belo golo de cabeça.

A passagem de Teixeira da Silva, Cecílio marcou o segundo golo, aos 18 minutos da II Parte.

Teixeira da Silva, num livre, marcado, pouco antes de o encontro terminar, fez o 3.º e último golo da sua equipa.

Embora vencido, o Portimonense deixou boa impressão tendo os seus jogadores lutado com manifestação falta de sorte.

Cecílio, no Serpa, Di Paola, Romão e Luiz distinguiram-se. Boa arbitragem de Eduardo Gouveia, de Lisboa.

Manuel Faria em BARCELONA

Foi entregue na F. P. Atletismo o convite oficial para Manuel Faria tomar parte no «Prémio Internacional» Jean Bouin, que hoje se realiza em Barcelona.

A viagem é em avião sendo as despesas por conta dos organizadores.

Jogos para hoje

I DIVISÃO

Benfica	—	Setubal
Oriental	—	Salgueiros
Barreirense	—	Torreense
Caldas	—	Cuf
Porto	—	Sporting
Académica	—	Belenenses
Lusitano	—	Braga

II DIVISÃO

Atlético	—	Juventude
Coruchense	—	Montemor
Montijo	—	Farense
Olanhense	—	Portalegrense
Almada	—	Estoril
Serpa	—	Arroios
Portimonense	—	Beja

— disse o Senhor D. Francisco Rendeiro ao «Mundo Desportivo»

Recentemente, na cerimónia inaugural do Posto Náutico-Sede do mais antigo clube náutico algarvio, o Ginásio Clube Naval de Faro, esteve também presente o sr. Bispo do Algarve. Nas breves palavras proferidas quando da sessão que em seguida se efectuou no ginásio, S. Ex.ª Reverendíssima fez o elogio do desporto e incitou a mocidade à sua prática, focando seguidamente o papel preponderante do desporto na vida da sociedade moderna.

Atendendo às palavras proferidas, à categorizada personalidade que as pronunciou e ainda pela curiosidade e interesse que despertaram, surgiu a ideia, agora posta em prática, de auscultar a opinião do venerando prelado, Senhor D. Francisco Rendeiro, sobre o desporto.

Acompanhado do rev. dr. Clementino de Brito Pinto, redactor do semanário «Folha do Domingo» e grande entusiasta do desporto, fomos ao Paço Episcopal e em breves palavras expusemos a razão da nossa visita. S. Ex.ª Reverendíssima, com a natural reserva que nos pôs de não estar directamente relacionado com a vida desportiva, acedeu amavelmente à nossa solicitação.

Antes de entrarmos propriamente na entrevista, a conversa espraçou-se durante largo tempo sobre diversos aspectos desportivos, em que o sr. Bispo do Algarve demonstrou a sua simpatia por algumas modalidades, em especial pela Vela e pelo Atletismo. E tão agradáveis foram estes momentos que só tarde recordámos o fim da nossa visita, pelo que nos apressámos a fazer a primeira pergunta:

— Como vê V. Reverendíssima o desporto na generalidade?

— O desporto é incontestavelmente uma das grandes realidades sociais do nosso tempo, que exerce sobre os indivíduos e sobre as massas o mais extraordinário poder apaixonante. É uma força, e como todas as forças uma riqueza, que pode e deve ser

Recordando

UM PONTO A MENOS...

Chegados ao termo da I Volta, será interessante recordar a posição dos vários clubes na passada época, na mesma altura.

O Farense encontrava-se também na dianteira, com 21 pontos. O Montijo, classificado a seguir, tinha 18. O Coruchense alcançara 17. Foram estes na verdade os que passaram à II Fase. Mas enquanto o Farense continua à frente, o Montijo tem menos 4 pontos e o Coruchense menos 7.

O Olanhense tinha apenas 15 pontos — os mesmos que o Montemor.

Seguem-se o Estoril e o Beja com 13.

O Olivais — que havia de descer de Divisão — tinha 12, juntamente com o Portalegrense.

Os Leões tinham 11 e o Juventude apenas 10 — menos 8 do que actualmente.

O Arroios contava 9 — e os últimos eram Almada e Portimonense com 8.

Deste modo, enquanto o Farense se mantém à frente, embora com um ponto menos, melhoraram bastante os clubes algarvios Portimonense — para o dobro dos pontos — e o Olanhense para mais 4. Melhoraram ainda o Beja — um ponto só — e Juventude e Arroios.

aproveitada para mais valorizar o Homem!

— E analisando o desporto português, como interpreta a sua projecção actual?

— Somos pobres em alguns aspectos da vida e parece-nos que não será vergonha confessar também a nossa pobreza em matéria de desporto.

«Sem esquecer que temos valores individuais que emparceiram bem com os grandes de qualquer parte, sem esquecer que temos algumas modalidades em que vamos à frente dos melhores, parece certo que o nosso conjunto desportivo tem ainda grande caminho a andar, para merecer aquele lugar que esses valores individuais indicam pertencer-lhe.

— Podendo no desporto coexistir a prática pura de uma modalidade, ou aliando-lhe o espírito de competição, qual das duas formas entende seja mais útil sob o aspecto educativo?

— Sendo o desporto uma arte e uma técnica, que procuram a harmonia e a beleza do vigor físico, e sendo também uma educação da vontade, que integra a harmonia física no conjunto do Homem, é evidente que as modalidades de competição oferecem ao desportista campo mais vasto para cimentar e mostrar a sua educação. O encontro com os seus colegas, e mais ainda o encontro com a psicologia do público, são

(Continuação na 5.ª página)

Calvez não saiba...

— A nova equipa nacional de Hóquei em patins derrotou a selecção espanhola por 3-2. O jogo esteve muito difícil — e os portugueses parece que só se convenceram do seu valor quando se lembraram que já estavam a 1 de Dezembro...

— Em um jornal de Castelo Branco, vemos que o Sporting Farense, actual guia da Zona Sul, havia gastado cerca de 500 contos, em jogadores, de Fevereiro a Outubro do presente ano. Como as distâncias avolumam as coisas...

— Segundo declarou o actual tesoureiro da F. P. F. ao «Mundo Desportivo» as coisas não vão bem, na Federação, no capítulo finanças. Algumas centenas de contos de dívidas não estão contabilizadas. Preconizam-se medidas drásticas para obviar a este prejuízo.

Resultados do último domingo

I DIVISÃO

Caldas, 1	—	Sporting, 3
Benfica, 9	—	Salgueiros, 1
Porto, 4	—	Belenenses, 1
Académica, 0	—	Lusitano, 1
Setúbal, 4	—	Braga, 0
Oriental, 0	—	Torreense, 1
Barreirense, 1	—	Cuf, 3

II DIVISÃO

Almada, 0	—	Arroios, 2
Atlético, 0	—	Montemor, 0
Juventude, 2	—	Beja, 0
Coruchense, 1	—	Farense, 2
Serpa, 3	—	Portimonense, 1
Montijo, 6	—	Portalegrense, 0
Olanhense, 1	—	Estoril, 0

III DIVISÃO

Unidos, 4	—	Lusitano, 2
Louletano, 2	—	Silves, 3
B. Esperança, 2	—	Desp., 1



Sporting Clube Farense
Farense-Olhavense
COMUNICADO

Tendo sido deliberado considerar o dia 15 do corrente, como dia do Clube, comunica-se a todos os Ex.ºs Associados que para assistirem ao jogo acima referido, a entrada lhes será facultada mediante a apresentação do cartão de identidade, cota de Novembro e de um bilhete especial emitido pela F. P. F..

VENDA DE BILHETES ESPECIAIS PARA SÓCIOS

Efectua-se na Sede a partir de 2.ª-feira, das 20,30 às 23 horas e nos

- Cafés Aliança, Flórida, Brasileira e Acordeon e
- Quiosque Vieguinhas.

VENDA DE BILHETES PARA NÃO SÓCIOS

Efectua-se na Sede da Associação de Futebol de Faro, na sexta-feira e sábado, das 21 às 23 horas, e no

- Estádio de S. Luís, domingo, a partir das 13 horas.

Faro 2 de Dezembro de 1957

A DIRECÇÃO

O desporto é uma força

(Continuação da 6.ª página)

para o desportista obstáculo mais difícil de vencer do que os inerentes à própria modalidade.

— E quando algumas modalidades levantam verdadeiras tempestades de paixões, quase sempre filhas de fervores desportivos demasiado exaltados?...

— Quando o público se agita em tempestade de paixões, perdeu o equilíbrio e a harmonia que o desporto exige. Então, em vez do natural estímulo que devia encontrar, o desportista é contagiado pelo desequilíbrio das paixões dos outros. E nessas circunstâncias que mais necessária se mostra uma sólida educação moral.

Satisfeita a nossa curiosidade neste capítulo, fizemos outra pergunta, que já tem suscitado alguma controvérsia:

— Todas as modalidades desportivas são igualmente observadas e aprovadas pela Igreja?

— As modalidades desportivas não interessam, como tais, à Igreja. Interessam, sim como realidades humanas, que contribuem para a nossa valorização física e espiritual. E assim, julgo que não se pode falar de modalidades aprovadas ou reprovadas pela Igreja. Em cada desporto, a Igreja aprova os seus valores positivos de cultura física e moral e reprova os excessos em que facilmente se pode cair.

E esclarecendo:

— É assim que a Igreja abre a porta com carinho, nos seus estabelecimentos de educação, a várias modalidades desportivas, que tomadas com moderação só podem trazer benefícios àqueles que as praticam. Mas também ergue frequentemente a sua voz para lembrar ao mundo do desporto que ninguém tem o direito de arriscar temerariamente a sua vida, sem grave motivo que o justifique. A violência de alguns desportos, dos que arriscam facilmente a vida própria e a alheia, como certas competições automobilísticas, e também dos que exercem no organismo tal desgaste não pode facilmente recuperar-se, tem merecido à Igreja sérias repreensões, que bem podem considerar-se uma condenação.

E continuou, confirmando:

— O desporto tem uma finalidade construtiva e educativa! Pretender atingir altos resultados à custa da destruição irreparável de energias ou de vidas, é falsear

FALLECIMENTOS

D. MARIA DAS DORES DA GRAÇA MELLO

No dia 18 do passado mês de Novembro, confortada com os Sacramentos da Santa Igreja, faleceu, em Monchique, a sr.ª D. Maria das Dores da Graça Mello, que contava 49 anos e era natural de Boliqueime.

A saudosa finada, que era dotada de invulgares qualidades morais e desenvolveu em Monchique e noutras localidades da nossa Diocese, uma louvável actividade no campo do apostolado cristão, era filha da sr.ª D. Maria da Graça Mello e do sr. Francisco Jorge de Mello, e irmã dos revs. Padres Francisco Jorge de Mello e José Jorge de Mello, de Monchique, e das sr.ªs D. Beatriz da Graça Mello Coelho, D. Esperança da Graça Mello e do sr. António Jorge de Mello, residente em Faro.

No funeral, que constituiu uma sentida manifestação de pesar, incorporaram-se muitos sacerdotes do Algarve e centenas de pessoas de todas as categorias sociais.

A «Folha do Domingo» apresenta sentidas condolências.

JOAQUIM COELHO JÚNIOR

Em Boliqueime, faleceu, no passado dia 29, o sr. Joaquim Coelho Júnior que era natural de Paderne e contava a idade de 73 anos.

Era pai dos srs. José Coelho Pingalho, funcionário das minas do Lousal, e David Guerreiro Coelho, funcionário da Alfândega de Lisboa e do Rev. Manuel Coelho Gomes, Pároco de Lagoa.

No funeral do sr. Joaquim Coelho Júnior, que era muito estimado pelas suas qualidades morais, tomaram parte os Revs. Padres João Coelho Cabanita, Vicente Alves Araújo, João Alves Araújo, Carlos do Nascimento Patrício, Jaime dos Santos Reis e Dr. Henrique Ferreira da Silva. Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo fez-se representar aqui como o Rev. Pároco de Quarteira.

Incorporou-se no préstito fúnebre o sr. Presidente da Câmara de Lagoa.

A toda a família enlutada, de um modo especial ao Rev. P. Coelho Gomes, apresentamos a expressão sincera do nosso pesar.

cinema-teatro
-rádio

CLASSIFICAÇÃO MORAL DE PELICULAS

Sissi, Jovem Imeperatriz — P. todos (M. 12).

O Caso Paradine — Cenas demasiado sugestivas. P. adultos (M. 17).

Abbot e Costello Policias — P. todos (M. 12).

A última avançada — P. todos (M. 12).

Aconteceu em Itália — Cenas de excessiva liberdade amorosa. P. adultos (M. 17).

O Homem da Colina — Cenas violentas. P. adultos (M. 17).

Piratas Marroquinos — Lutas violentas e cenas amorosas. P. adultos. (M. 17).

O Bolero de Raquel — Cenas demasiadamente livres. P. adultos (M. 17).

-Jo. Evitar esses excessos na organização das competições, mesmo sacrificando êxitos espectaculares, é dar prova de verdadeiro espírito desportivo.

Terminara a nossa entrevista. Retiramo-nos agradecendo a S. Ex.ª o sr. Bispo do Algarve a amabilidade com que nos recebeu, saindo satisfeitos do Paço Episcopal da Diocese, junto à velha Sé, uma vez mais acompanhados pelo sr. dr. Clementino Pinto.

Serra-Mãe

O primeiro livro de Sebastião da Gama — poeta verdadeiro

Ao Pintor Celestino Alves

Era a Graça que tinha visitado a alma do Poeta e lhe incutira um desejo, uma ânsia incontível de

viver a única vida pra que Deus me destinou.

Depois, há toda uma série de poesias intituladas —, Jesus — em que o Senhor é cantado na Sua Infância adorável, na ignomínima da crucifixão e na glória da Ressurreição triunfal.

Depois, a súplica fremente, digna do seu mestre Frei Agostinho da Cruz:

faz da Tua vontade as cordas que me prendam os braços e as pernas...

Há momentos em que a Voz do divino apelo deixa de ouvir-se, e o Poeta mergulha em noite escura.

E foi-se, e nem um sinal...

Que fazer, senão suplicar humildemente o regresso da Presença Divina?

Ai vem meu Senhor, ou dá-me notícias de Ti, distante!

E que a Esperança de novo me surja, a meio de um verso, nem que eu não fique sabendo se o fizeste Tu ou eu...

Serenada por fim a sua alma, o Poeta já sabe o caminho, o — Itinerário — a seguir.

Meu caminho é por mim fora, T'è chegar ao fim de mim a encontrar-me com Deus...

Evidentemente, que outros motivos fundamentais solicitaram a lira inspirada do Poeta — mas

o sentimento religioso podemos dizer que constitui preocupação dominante deste primeiro livro de Sebastião da Gama.

Influenciado por Pessoa, Sá Carneiro, Régio e Torga, não possuindo mesmo o poderio em manusear o verbo, ostentado por aqueles vates, é inegável a sua superioridade no que se refere à sinceridade — que constitui o eunho da verdadeira poesia — de que os seus versos estão repassados.

Para Sebastião da Gama, sente-se bem o que o poeta não é um fingidor. Até mesmo quando proclama ser apenas literatura a sua ânsia de renúncia e sacrifício — até quando diz ser tudo apenas comédia vil, impostura.

De tal modo, a expressão de seu pensamento e de seu sentimento desliza suave através de todo o livro, como se apenas pedisse às palavras o absolutamente essencial para exprimir o que na alma lhe ia de grandioso e belo, mas receasse, por sua vez, que algo de não vivido nem sentido ficasse envolto nas roupagens deslumbrantes do verbo.

E assim, Sebastião da Gama, qual outro Frei Agostinho da Cruz do século XX, distribui a mancheias, às almas sedentas de beleza, a sua esmola de Poesia, pura e imaculada, com a mesma simplicidade e serenidade com que em Extremoz dava as suas moedas aos indigentes que para ele estendiam a mão suplicante.

Para todos, a sua vida, como a sua obra, constitui exemplo sublime da mais alta Beleza.

C. B. P.

FUZETA

FESTA DE NOSSA SENHORA DO CARMO E VISITA DO NOSSO VENERANDO PRELADO

Como fora anunciado, realizou-se, nos dias 7, 8, 9, e 10 de Novembro a festa com tríduo em honra da nossa querida Padroeira, Nossa Senhora do Carmo. Pregou o Rev. sr. Padre António Patrício, que muito agradou a todos os ouvintes.

No dia 9, sábado, realizou-se a festa da Comunhão Solene.

De manhã, saíram as crianças em procissão da escola de Nossa Senhora do Carmo para a Igreja, entoando-se vários cânticos.

A Santa Missa, foi celebrada pelo nosso Rev. sr. Padre Américo, e fez as práticas da Comunhão e das promessas do Baptismo o Rev. sr. Padre Patrício digníssimo Prior de Tavira. Após a Santa Missa foram as crianças tomar o pequeno almoço na Casa paroquial.

As ex.ªs senhoras que ofereceram os bolos e pãezinhos, café e assucar, vai um muito reconhecido obrigado.

Domingo, dia 10, pelas 9 horas celebrou o rev. sr. Padre Lucas a Missa da Comunhão Geral que foi numerosa.

As 11 e meia foi celebrada a missa cantada pelo rev. Padre Américo, nosso digníssimo Prior, acolitando os revs. Padres Lucas Pacheco e Rita da Costa, digníssimo ajudador de Olhão. Pregou ao Evangelho, o rev. Padre Patrício. As partes fixas da Missa foram cantadas pela Congregação das Filhas de Maria, estando ao harmónio a ex.ª sr.ª D. Alice Nolasco Quaresma.

Na tarde saiu, pelas ruas da terra, uma vistosa e linda procissão com muitos andores. Todos iam com muito gosto ornamenta-

(Continuação na 8.ª página)

CRISTO

À minha cebeceira o Cristo morre de puro dó Silenciosamente, da cabeça caída para a frente um fio de sangue, ainda vivo escorre.

Puseram-mo ali como um remorso, Não quiseram matá-Lo de uma vez, p'ra m'O pôrem ali como um remorso. Tem os olhos abertos. Tristes..., Tristes... E a Sua boca quase que me fala, como quem repreende meigamente.

Quando me vou deitar, já nem O olho. Apago a minha vela bruscamente, p'ra não ver os Seus olhos que me doem como um remorso antigo.

Por que não ficou morto no Calvário, apodrecendo aos Astros indiferentes? Por que veio acabar para o meu quarto, com estes olhos suaves que me acusam com estes lábios tristes que me pedem que. O não deixe morrer tão sem razão?

Tem quase dois mil anos o meu quarto. E em mais de mil das noites destes anos eu apaguei a vela p'ra não ver a agonia do Cristo, que me acusa.

Mas Ele rasga a escuridão da Noite. Mas Ele rasga o sono em que me oculto e vem, solto da cruz a que o prendi, continuar, no fundo da minha alma, Seu estertor. Seus olhos brilham mais, na escuridão... P'ra de todo morrer, como que espera apenas o segundo de eu Lhe pedir perdão.

SEBASTIÃO DA GAMA

S. Marcos da Serra

No passado dia 10 de Novembro, realizou-se nesta Paróquia a festa em honra de Nossa Senhora de Fátima, precedida de tríduo a cargo do Rev. Padre Pinho, da Ordem Franciscana.

Durante o tríduo, apesar do tempo, houve sempre relativa assistência a todos os actos.

Na noite de sábado uma grande procissão de velas percorreu as ruas do Povo que soube bem mostrar quanto apreciava a visita da Mãe de Deus que em Imagem passou pelas suas casas abençoando a todos. Todas as casas se encontravam abertas e de luz acesa, dando às ruas do percurso da procissão, um verdadeiro aspecto de Festa.

No domingo houve um número razoável de comunhões.

As crianças que no ano passado fizeram a sua primeira Comunhão também se abeiraram da mesa Eucarística. Ao meio dia solar o rev. pároco celebrou a Santa Missa, falando ainda o mesmo orador da festa que em termos acessíveis a todos enalteceu as glórias da Santíssima Virgem, pedindo a todos que não esquecessem de rezar o terço, devoção tão apreciada pela Mãe do Céu.

A tarde houve procissão com a Veneranda Imagem de Nossa Senhora no fim da qual o Rev. Pároco agradeceu a todos os presentes a sua valiosa cooperação e deu a alegre notícia de que no primeiro e no terceiro domingo de cada mês, virá celebrar a Santa Missa a São Marcos da Serra.

Um grupo de pessoas que costumam ajudar o pároco nas festas principais, a pedido do mesmo pároco, resolveram preparar: a congrua, sustentação do futuro pároco, visitando os habitantes não só do povo, mas em toda a freguesia, incitando-os ao cumprimento dos seus deveres para com a Igreja e seu pároco.

Quando tudo estiver em ordem esse mesmo grupo tenciona ir a Faro, pedir ao Senhor Bispo um pároco residencial, pois actualmente todos sentem essa necessidade e a conveniência espiritual e até material.

Esta freguesia está ansiosa por ver começar a construção da Estrada que lhe permitirá ficar em contacto com o resto do Algarve, rivalizando assim com os seus produtos agrícolas, com os melhores mercados da Província. São Marcos da Serra, mercê da ribeira que valoriza imenso as suas hortas tem já hoje as melhores frutas e hortaliças de todo o Algarve.

Enquanto não tiver estrada está encravada na serra sem possibilidades de progredir. Com acesso ao resto do Algarve, com a sua carreira de Auto-carros, talvez tenha logo também automotoras à disposição de todos...

A Arte Sacra

Apresenta aos seus Ex.ªs Clientes, FIGURAS PARA PRESEPIO e de algum valor artístico, as mais variadas.

LIVROS — *PIO XII e os problemas do Homem* — I e II série. NAS ENCRUZILHADAS DO PENSAMENTO — I, II e III vol. por — *Agostinho Veloso*.

HINÁRIO DE FÁTIMA — por *Sebastião Martins dos Reis*.

PADRE CHARBEL — Taumaturgo do Líbano — por *Nasri Ri-xallah e Gille Phabrey*.

PADRE PIO — O estigmatizado — por *Marie Winowska*.

NATAL NO CÉU — Versos — de *Hermínio de Oliveira*.

CASA -- Vende-se

com extenso quintal no começo da Estrada da Senhora da Saude. A chave encontra-se na Rua Infante D. Henrique n.º 115.

FESTA A Imaculada da Padroeira Conceição

(Continuação da 1.ª página)

culo XI, mas já no dia 8 de Dezembro.

No século XII, graças à pregação de eminentes e denodados apóstolos da Santíssima Virgem, o culto da Imaculada Conceição tem uma expressão verdadeiramente católica.

Portugal, terra de Santa Maria, é dos povos em que o movimento em honra de Nossa Senhora da Conceição revestiu um cunho mais pronunciado.

Segundo uma antiquíssima tradição, a primeira festa em honra de Nossa Senhora da Conceição, em Portugal, foi celebrada em 8 de Dezembro de 1147, após a conquista de Lisboa por D. Afonso Henriques. E a imagem de Nossa Senhora da Conceição, também chamada da Enfermaria, foi venerada no arraial do nosso primeiro Rei.

Em todos os acontecimentos da vida nacional, os portugueses sempre souberam aliar ao amor da Pátria e à defesa dos seus imprescritíveis direitos uma fé e uma veneração profundamente arreigadas a Nossa Senhora invocada com o título de Imaculada Conceição.

D. Duarte, no Leal Conselheiro, defende a Conceição Imaculada da Virgem quase com os mesmos argumentos com que quatro séculos depois, o Santo Padre IX, definiu e proclamou aquela dogma, cujo centenário a Igreja comemorou há poucos anos, no meio das explosões de fé e de amor dos fiéis espalhados pelos quatro ângulos da terra.

Não admira, pois que Portugal celebra, também, nesta hora, com júbilo e alvoroço, a Festa de Nossa Senhora da Conceição, que é verdadeiramente Festa da Igreja e da Pátria.

Se há festas que falam profundamente à alma nacional, despertando nela os mais belos sentimentos e os mais elevados clarões de fé, de ternura, de esperança e conforto espiritual, é, sem dúvida, o dia 8 de Dezembro, Festa da Padroeira, Rainha de Portugal, Senhora dos nossos destinos.

Conhece-a a história nos seus fastos gloriosos, onde há epopeias de fé e de heroísmo que transcendem as perspectivas humanas. Portugal de hoje continua a sua marcha da glória sob o signo das bênçãos da sua Padroeira.

FUZETA

(Continuação da 7.ª página)

dos. Em primeiro lugar, os agradecimentos ao nosso rev. Pároco que foi incansável em ajudar a tudo fora e dentro da sua Igreja. Aos bondosos rapazes que foram os festeiros e incansáveis em ornamentar as ruas, ex.ªs senhoras que ornamentaram os andores manifestamos também os nossos agradecimentos.

Na segunda-feira pelas três horas da tarde, todas as autoridades da terra, escolas, crianças da Catequese, muito povo, a banda de música de Tavira esperavam no limite da freguesia, Sua Ex.ª Rev.ª o nosso estimado Prelado, D. Frei Francisco Rendeiro que se deslocou de Faro para vir administrar o santo sacramento da Confirmação ou Crisma.

A sua chegada muitas palmas se fizeram ouvir como também muitos foguetes. Após os cumprimentos, a banda de música tocou Hinos a Nossa Senhora e começou a procissão para a Igreja. Chegando Sua Ex.ª Rev.ª à Igreja depois de fazer oração a Jesus Sacramentado, seguiu para para o altar mór.

Sua Ex.ª Rev.ª subiu ao púlpito para saudar os seus diocesanos. Via-se no rosto do nosso santo Prelado a sua satisfação em ver ali reunidos muitas centenas de fiéis. A Igreja estava

(Continuação da 1.ª página)

ção, no mosteiro da Trindade em Lisboa. Depressa se introduz o culto nas outras dioceses.

No Leal Conselheiro, D. Duarte também o afirma. «Quando podemos de amigos afirmar duas coisas, devemos afirmar a melhor. No que segue a lógica de Escoto.

O capítulo — o 35.º — tem o título: Do que me parece sobre a concepção de nossa senhora santa Maria.

No século XVI, a Beata Beatriz da Silva funda a Ordem da Puríssima Conceição, que tem por fim honrar este privilégio mariano.

Sá de Miranda na célebre «Cantação a Nossa Senhora» canta:

«Virgem toda sem mágua, inteira e pura sem sombra nem daquela culpa herdada por todos nós...

Já antes, Henriques de Sá, estando com doentes de peste em casa, suplicara:

Oo fonte de perfeição Oo piedosa senhora senhora da Conceição lembrete de nos agoura em nossa trebulação mandanos consolação.

Frei Agostinho da Cruz, num poema em tercetos, canta também a Imaculada:

Isto confirma e testemunha agora A Igreja universal e o Pastor dela Vigário do Senhor que o mundo adora.

Pois entre as festas que celebra nela Quis que a da Conceição tivesse dia Particular, e dedicado a Ella.

E a Igreja santa não consentiria Festejar-se com dúvida ou pecado Que enfim nunca pecar pode quem guia.

Fr. Amador Arrais, em quase todo um diálogo, e Fr. Tomé de Jesus, numa obra pouco conhecida, defendem também estrênuamente a Imaculada.

António de Sousa Macedo tem um capítulo da sua obra «Eva e Ave ou Maria triunfante» acerca da Imaculada, acompanhado de vasta erudição.

O P. Manuel Bernardes considera um verdade prestes a definir-se.

Por estes dados, baseados no estudo notável, publicado em 1946, de Mário Martins A Imaculada Conceição na Espiritualidade Portuguesa se vê quanto bem cedo começou em Portugal a devoção à Virgem Imaculada, quanto ela se arreigou profundamente na gente lusitana e constitui um dos cultos mais queridos a todo o bom português.

C. B. P.

repleta. Depois dum brilhante sermão que a todos deixou maravilhados, começou Sua Ex.ª a administrar o Santo Crisma. Ainda depois deste Sacramento fez uma prática para explicar a significação de tão Santo Sacramento e a obrigação dos deveres a cumprir.

Antes de Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo se retirar visitou a casa paroquial.

Foi pena que Sua Ex.ª Rev.ª viesse à nossa terra por tão pouco tempo mas Sua Ex.ª Rev.ª tinha outras obrigações a cumprir.

Seguiu-se depois a procissão de Nossa Senhora do Livramento até à sua capela.

Assim terminou a festa de Nossa Senhora do Carmo que este ano marcou pela grandiosidade como tudo decorreu.



Influência da língua portuguesa no idioma indonésio

A língua oficial da Indonésia — uma República independente com 81.900.000 habitantes — é uma língua muito recente; a sua fonte é o malaio que data do século VII a. C. Mais tarde, quando os europeus chegaram, a língua malaia tinha-se fixado como meio comercial em todo o arquipélago indonésio.

Em 1511, os portugueses conquistaram Malaca, estendendo o seu poder a todo o arquipélago, fazendo de Malaca a sua fronteira ocidental, e Ternate o seu ponto forte a Oriente. Porém, a influência dos portugueses limitou-se às cidades costeiras.

A língua portuguesa tornou-se muito conhecida durante algum tempo, principalmente por meio do estabelecimento de escolas católicas, especialmente nas Molucas.

O português era compreendido por numerosos nativos de região dispersas do vasto continente, sem que, no entanto, nas eras que ora decorrem, os seus vestígios tenham desaparecido.

Notícias pessoais

Na igreja de S. João de Deus, em Lisboa, realizou-se o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Cândida de Jesus, digníssima funcionária do Arquivo de Identificação de Lisboa, com o sr. Carlos Manuel Vilas Monteiro, conceituado funcionário da Empresa «Algarve Exportador», da Capital.

Serviram de testemunhas, por parte da noiva, sua tia, sr.ª D. Lucinda de Jesus e o sr. José António de Jesus Luz e, por parte do noivo, seus tios.

No final da cerimónia religiosa, foi servido um finíssimo «copo de água».

Aos noivos a «Folha do Domingo» deseja as maiores venturas.

Em Lisboa, na Casa de Saúde da Palhavã, deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Maria Cristina Ramirez Sanches Azevedo Mendes, esposa do sr. Eng. Nuno Maria Azevedo Mendes.

As nossos sinceras felicitações.

Em Lisboa, na clínica de S. Miguel, deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Maria da Conceição Pizarro de Sande Lemos, esposa do sr. Eng. Agrônomo Rodrigo Aboim Ascensão de Sande Lemos e nora do nosso ilustre comprovinciano, sr. Coronel-Engenheiro Manuel Aboim Ascensão de Sande Lemos.

As nossas efusivas felicitações.

Com sua esposa, veio a Faro, de visita a sua família, o sr. Dr. José Pulido Garcia, importante proprietário, em Lisboa.

A fim de tomar parte no Conselho Geral da L. E. C., esteve em Lisboa o sr. Professor Afonso Malaquias Domingues, Presidente Diocesano daquele Organismo da A. C. e Delegado Escolar deste Concelho.

Acaba de ser colocado na Secretaria do Estado dos Negócios Estrangeiros o sr. Dr. José Manuel Wadington de Mattos Pereira, que, por este motivo, fixou residência com sua família, em Lisboa.

Deu à luz duas interessantes meninas a sr.ª D. Catarina Sousa Pires Brito Cruz, esposa do sr. Dr. António Francisco Cruz, professor da Escola Industrial e Comercial de Faro.

Lenta mas seguramente, através dos séculos, a língua malaia foi aumentando de importância, até predominar sobre todos os outros dialectos do Arquipélago.

Porém, em 28 de Outubro de 1928, no Congresso da Juventude em Djakarta, o indonésio tornou-se a língua nacional, reconhecida pelos indonésios e reconhecida finalmente pela Constituição da República da Indonésia como sua língua oficial.

A Bahasa Indonésia ou indonésio, sendo uma língua nova, gramaticalmente falando ainda não ultrapassou a fase de formação. A sua sintaxe apresenta a influência, demasiadamente accentuada, do holandês e de tal forma que para muitos parece ser holandês traduzido em malaio. As frases são normalmente, demasiadamente longas, complicadas e desajeitadas, como no grego antigo, no alemão e no holandês.

Apesar disso, é a língua de mais de cerca de oitenta e dois milhões de pessoas e a sua aprendizagem, relativamente simples, torna-a muito popular. Pertence, agora, aos leitores, aos editores, aos grandes oradores, o glorificá-la, encurtando a distância e provocando uma aproximação entre a linguagem escrita e a língua falada de forma que a língua escrita ganhe em nitidez, beleza e compreensão, e a língua falada deixe de ser uma colecção de coloquialismos.

A fechar este artigo diremos que na Indonésia ainda existem, por exemplo, cidadãos com os nomes: Coelho, Pereira, etc., e os vocábulos sepatu (sapatos), mantega (manteiga), kemedja (camisa), djendela (janela), pesiar (passar), sabtu (sábado), minggu (domingo), etc.

Nunca esqueceremos a frase do Dr. Soerianata Djoemena, ex-Ministro da Indonésia em Portugal, que se sentia feliz em repetir: «Entre os portugueses e os orientais há muitos contactos de espírito e semelhanças de carácter, especialmente entre o povo. Portugal e os portugueses têm-me dado a melhor das impressões: o país, pela sua paisagem e clima; os portugueses, pela sua gentileza».

Rolim de Macedo

Farmácias de serviço

- DOMINGO — Alexandre.
- SEGUNDA — Paula.
- TERÇA — Almeida.
- QUARTA — Monte Pio.
- QUINTA — Higiene.
- SEXTA — Dr. Graça Mira.
- SABADO — Pereira Gago.

Dr. Fernando Caldeira

Médico-Radiologista
ONDAS CURTAS, ULTRA-SOM

Rua Filipe Alistão, 12
F A R O

ALUGA-SE

parte de casa não mobllada, podendo ser até para casal.

Se pretender dirija-se à Administração de «Folha do Domingo» onde serão prestados todas as informações.